

**RACHEL DE QUEIROZ E MEMORIAL DE MARIA MOURA: MINHAS
INSPIRAÇÕES NO MESTRADO E NO GRUPO DE ESTUDOS FILHAS DE
AVALON**

Caroline Batista Fantini de Novaisⁱ

RELATO DE EXPERIÊNCIA



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda em Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre e Especialista em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Graduada em Letras pela Universidade São Marcos (USM); e Especialista em Gestão Escolar pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (SALQ USP). Professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, tanto na Educação Básica (Ensino Médio) como no Ensino Técnico e Ensino Superior, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Comunicação e Expressão, Comunicação Empresarial e Metodologia da Pesquisa Tecnológica. Membro Fundadora do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. *E-mail*: carolinefantini@gmail.com.

O gosto pela Literatura surgiu em mim sendo eu ainda muito criança, incentivada por meus pais e professoras, por meio das narrativas de aventuras – para onde eu me transportava em minha imaginação inocente e criativa. A “Série Vagalume”, da Editora Ática, foi uma grande companheira de infância – não somente pelas leituras obrigatórias do colégio, em seus livros paradidáticos, durante nossas férias de julho –, mas de momentos em que eu tinha a necessidade de preencher meus pensamentos com histórias fantásticas, fora do “mundo real” e da rotina à qual estava acostumada. Ou seja: o comportamento esperado de uma criança descobrindo o mundo ao seu redor de forma sadia. A leitura faz parte da base de minha formação como pessoa, como profissional de Letras e como professora de Língua Portuguesa.

Somente abrindo parênteses necessários para o entendimento da questão, esta mítica coleção de livros infantojuvenis foi lançada em janeiro de 1973 pela Editora Ática atendendo a um apelo mercadológico e a uma lei que estabelecia a necessidade da leitura de livros paradidáticos no então Ensino de 1º e 2º Graus (primário, ginásio e colegial/científico). Com o intuito de abarcar e abraçar esse propósito, a editora lançou, até o ano de 2021, mais de 100 títulos nessa coleção, tornando-se uma lembrança inefável e indelével para gerações de jovens leitoras e leitores em todo o Brasil. Livros como *Éramos Seis* (1973) e *A Ilha Perdida* (1973), de Maria José Dupré; *Tonico* (1978), de José Rezende Filho; *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa (1981); *O Rapto do Garoto de Ouro* (1982) e *Um Cadáver Ouve Rádio*, de Marcos Rey (1983) – com caráter ilustrativo – são especialmente responsáveis por algumas das mais doces recordações da puberdade e da adolescência para muitas e muitos de nós.

Partindo dessa experiência, foi imensamente aprazível continuar meu exercício de leitura, de maneira cada vez mais voraz, especialmente no Ensino Médio, amparada pela disciplina de Literatura Brasileira, que me propiciou conhecer diferentes contextos onde estavam inseridos diversos movimentos literários e verificar que cada autora e autor expõe sua forma de pensar e os acontecimentos pelos que passou de acordo com suas histórias de vida aliadas a licenças poéticas. Esse discernimento despertou em mim, tanto como em minhas/meus colegas, acredito, uma grande curiosidade por mais leituras a respeito de beletristas de diferentes períodos e dos mais diversos rincões de nosso país.

A maioria absoluta dos nomes citados nos manuais e livros didáticos e paradidáticos de Literatura dessas etapas do Ensino e estudados nós naquela época – e ainda hoje – são de homens que foram ou são privilegiados pela cor, pelo berço e pela Educação recebida. Meu primeiro contato com beletristas femininas ocorreu no final do 3º ano do Ensino Médio, quando estávamos estudando o movimento modernista em seu terceiro momento: na prosa. O contexto apresentado sobre o Nordeste brasileiro, as escritoras e escritores regionalistas que abordavam

a problemática social e Rachel de Queiroz – que surgiu como uma voz feminina representativa e emblemática de uma região esquecida pelas autoridades governamentais –, atingiram-me e influenciaram o meu percurso dali em diante.

Até então, como uma adolescente que estava vivenciando seu processo de desenvolvimento físico-mental-intelectual-espiritual nesta fase de crescimento impreterível da vida, eu não havia tido contato ainda com essas realidades paralelas plurais de um Brasil igualmente plural e negligenciado, mormente em algumas regiões específicas, como o Norte e o Nordeste – infelizmente. Para que tenhamos uma ideia do que estou a expor aqui, a única autora nordestina que eu conhecia até três anos atrás era a cearense Rachel de Queiroz e gosto tanto dela que minha dissertação de mestrado foi sobre ela.

Contudo, para minha total surpresa, e **AFORTUNADAMENTE**, no ano de 2020, entrei como membra fundadora no Grupo de Estudos Filhas de Avalon – cuja idealizadora, mentora e líder é a Professora Doutora Yls Rabelo Câmara, Professora Visitante na Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde somos chanceladas/os, e organizadora do presente dossiê. Nesta seara, com uma plêiade diversificada de pesquisadoras e pesquisadores – de graduandas/graduandos a pós-doutoras/pós-doutores das mais diversas áreas do saber e em oito países distintos –, investigamos a vida, a obra e a fortuna crítica de escritoras nacionais e estrangeiras, do passado e do presente, tendo especial deferência para com as que o Cânone Literário Brasileiro e a historiografia literária nacional ostracizaram em algum momento de suas trajetórias como mulheres das letras ou desde sempre.

Entre aulas-encontros e eventos, dentre nomes conhecidos e desconhecidos, deparei-me com os de várias nordestinas brilhantes, que injustamente foram silenciadas e apagadas – inclusive mais ferrenhamente do que outras de diferentes lugares do país, a saber: Auta de Souza, Maria Firmina dos Reis, Francisca Clotilde, Alba Valdez, Nísia Floresta, Ana Nogueira Batista, Natércia Campos, Ana Facó, Emília Freitas, além de muitas outras que não foram autoras, mas que foram por nós fomenageadas na III Edição¹ (a corrente, entre os anos 2023/2024) – como Bárbara de Alencar, avó de José de Alencar e uma revolucionária que se insurgiu contra a Coroa Portuguesa, sendo severamente castigada por isso, perdendo seus bens, tendo dois de seus filhos assassinados e sendo ela própria jurada de morte por seus inimigos, mas jamais renunciando ao que acreditava ser certo, justo e verdadeiro.

É extremamente decepcionante, como brasileira, como estudante de Letras que fui e como professora de Língua Portuguesa que sou, não haver sabido nada dessas nem de

¹ Joana D’Arc, Catalina de Erauso, Artemisia Gentileschi, Chica da Silva, Bárbara de Alencar, Harriet Tubman, Frida Kahlo, Marsha P. Johnson, Nise da Silveira e Maria Madalena (Nota da Autora).

muitíssimas outras escritoras ilustres, pioneiras e inspiradoras (nordestinas ou não), antes de conhecê-las por meio do Filhas de Avalon. Essa, lamentavelmente, não é uma condição singular minha, particular, mas plural, coletiva. Como paulista, sob a condição de haver nascido e crescido no Sudeste, afirmo que essas intelectuais nordestinas e muitas mais que apreciamos academicamente em nosso Grupo de Estudos são completamente desconhecidas nesta – e seguramente – em outras regiões do Brasil. O que é uma injustiça... Próceres como elas **PRECISAM E MERECEM** ser não somente conhecidas, mas, principalmente, **RECONHECIDAS!** Suas obras têm que estar salvaguardadas e suas memórias, espaiadas.

Neste relato de experiência, como uma Filha de Avalon e letróloga, honrando todas essas mulheres grandiosas e as demais, femenegeio nossa *patronesse* no Grupo de Estudos Filhas de Avalon e meu objeto de estudo no mestrado: Rachel de Queiroz.

Nascida em Fortaleza em 1910 e falecida no Rio de Janeiro em 2004, ela, aos 19 anos de idade, chocou a recepção de sua obra de *debut*. Crítica literária e público leitor acharam que *O Quinze* fora escrito por um homem – dada a crueza realista empregada por Rachel em sua trama, mas sem aqueles cientificismos desnecessários. Nesse romance de estreia, ela tratou da Seca de 1915 com propriedade e lugar de fala, utilizando inovações modernistas, como os vários planos narrativos e uma protagonista professora, vocacionada e com ideais vanguardistas, que preteriu dos papéis deterministas de esposa, dona de casa e mãe para fazer o que amava e almejava: aprender e compartilhar conhecimento. **ESSE** é o nosso Norte como Filhas e Filhos e Avalon, que coaduna com a missão da protagonista de Queiroz: **APRENDER E COMPARTILHAR CONHECIMENTO** de forma generosa e democrática!

Para muito além da seca e dos problemas das mulheres nordestinas, Rachel de Queiroz resgatou a figura da cangaceira em um de seus últimos romances, *Memorial de Maria Moura*, publicado em 1992, no inverno de seus anos. Nele, à luz do que aconteceu com muitos *cabras* dos diversos grupos de cangaceiros que campeavam pelos sertões dividindo opiniões e fazendo justiça a partir de seu próprio código de ética, a romancista utilizou-se de uma licença poética inimaginável: colocar à frente de um bando, uma mulher como líder – Maria Moura.

Tendo a mãe assassinada, sendo deflorada pelo padrasto e provável assassino de sua genitora, e destituída de suas terras por primos inescrupulosos, Maria Moura não tinha mais razões para viver: estava sozinha, não era mais donzela (o que lhe dificultaria conseguir um pretendente à sua mão) e pobre. Contudo, motivada pelas mesmas razões que levaram centenas de injustiçados ao cangaço, ela não somente juntou-se a ele como foi uma de suas mais aguerridas combatentes.

Sabemos que o cangaço, por ordem expressa de Lampião, não admitia mulheres, que somente a ele aderiram depois que Maria de Déa ou Maria de Lampião/do Capitão/Maria Bonita entrou, em 1930. Nos oito anos seguintes que o cangaço ainda teria, muitas outras foram incorporadas aos grupos – quer por vontade própria quer raptadas, mas nenhuma delas chegou ao cargo de chefia. Quem mais se aproximou de uma carreira belicosa foi Dadá, prima e esposa de Corisco, que era uma exímia atiradora e guerreava ao lado do seu homem.

Esse romance premiado [*Memorial de Maria Moura*] virou série² pela Rede Globo de Televisão em 1994, tendo Glória Pires no papel principal. Eu tinha, à época, 11 anos, e sempre assistia aos seriados do “Canal 5” com minha mãe, mas com um olhar diferenciado, imaturo, inocente – isto é, de criança. A Rede Globo, com suas adaptações de grandes obras da Literatura, sempre nos trouxe excelentes produções, mas quando não se tem o que chamo de “maturidade literária”, não se consegue fazer uma análise com a criticidade bem dosada.

Anos mais tarde, já concluído o Ensino Médio e ao escolher o curso de Letras como a faculdade que daria sustentação à minha vocação docente, pude ver preenchidas e sigo preenchendo muitas lacunas que ficaram em minha formação incipiente, a Escola Básica, principalmente quando tive contato com conceitos e leituras específicas em relação ao mundo da Literatura – o que fez muito sentido porque pude comparar o que estava aprendendo nas aulas e no estudos das fortunas críticas de várias autoras e autores, contextualizando-os em seus momentos. Esse amálgama faz com que a Literatura seja uma atividade de lazer intelectual fascinante: quando aliamos a arte das palavras com a História, com o contexto socioeconômico e social no qual a obra em análise foi concebida.

Mas o mundo das mulheres era algo que gritava internamente em mim, pois era-me nebuloso ainda; sem muitas respostas para as muitas perguntas que eu tinha. Descobrir e desbravar o porquê de menos autoras figurarem em nossos compêndios onde seus pares masculinos predominavam e predominam era uma inquietação que eu gostaria de ver solucionada. Conhecer o contexto histórico que “calou” essas intelectuais desconhecidas do grande público leitor, especialmente as nordestinas, era fundamental para que eu entendesse a razão desses amordaçamentos, desse hiato de escritoras não apenas nos livros e manuais didáticos de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira nas escolas como já supra dito, mas

²Autoria de Jorge Furtado e Carlos Gerbase. Colaboração de Renato Campão e Glênio Póvoas. Direção de Denise Saraceni, Mauro Mendonça Filho, Marcelo de Barreto e Roberto Farias. Direção artística de Carlos Manga. Período de exibição: de 17/05/1994 a 17/06/1994. Horário de exibição: 22h30. Quantidade de capítulos exibidos: 19. Disponível em: *Memorial de Maria Moura* – <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/memorial-de-maria-moura/noticia/memorial-de-maria-moura.shtml>. Acesso em: 23 dez. 2023.

também nos materiais das disciplinas concernentes à nossa literatura na Universidade – especialmente em um curso de Letras, com o vernáculo em estudo.

Quando ingressei no Mestrado em Língua Portuguesa, tinha uma ideia latente: utilizar a Literatura como forma de trazer alguma obra escrita por mãos femininas para minha dissertação. Rapidamente veio-me a inspiração: Rachel de Queiroz e seu “Memorial”. Dentro das disciplinas que estava cursando e na linha de pesquisa “Texto e discurso nas modalidades oral e escrita”, estudei sobre a Retórica, o que resultou ser a base teórica da minha dissertação.

A escolha da autora e da obra para aprofundamento é resultado também de minhas experiências de vida: meu pai sempre fora rígido com os nossos estudos e, ao casar-me, sempre tive apoio do meu marido para dar continuidade à construção de minha carreira acadêmica. Vi na minha avó paterna um modelo de submissão que jamais quis para mim – o oposto do que acontecia com minha avó materna, que conquistou certa liberdade ao adentrar no mercado de trabalho. Já minha mãe, mesmo sendo uma mulher independente, não teve as mesmas oportunidades que eu tive e sigo tendo. Portanto, razões não me faltaram para escolher Raquel de Queiroz e esse romance simbólico para a minha vida com o fito de esquadrihá-los academicamente na dissertação de mestrado.

Na dissertação, trabalhei a obra *Memorial de Maria Moura* também por me identificar com a figura forte dessa cangaceira que se reinventou para seguir vivendo em um entorno hegemonicamente dominado por homens – e não só: dominando-os como sua líder! Essa personagem ímpar no legado literário de Rachel de Queiroz, ousou dizer, é o *alter ego* desta, tal como ocorre com outras protagonistas suas também, em quem ela espelhou sua personalidade inovadora para a época.

Filha que foi de uma família rica e culta, Rachel sobrepujou a proteção que desfrutava e lançou-se em um universo extramuros que pertencia aos homens, sobremaneira: a Literatura, a política e o Partido Comunista do Brasil (PCB). Protegida a princípio pelo cognome de Rita de Queluz e publicando seu primeiro romance às expensas paternas, passou a caminhar sozinha ao debutar nas letras antes de sua segunda década de uma longa e prolífica vida. Motivada por razões de ordem intrínseca e estimulada por aquelas e aqueles que confiaram no poder de sua pena, ela estudou, casou-se com quem quis, aderiu ao PCB em um momento no qual as mulheres não o faziam amiúde, viajou muito, decidiu ser ateia, aprendeu vários idiomas que lhe serviram nas múltiplas traduções de livros magnos, desligou-se do PCB *a posteriori* e foi a primeira mulher a adentrar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Em outras palavras, a sua personagem Maria Moura, desbravadora e precursora, reflete o resultado das experiências

de vida de sua criadora. Quem não se inspiraria em uma mulher tão multifacetada como Rachel de Queiroz para criar uma imagem de si e vivê-la?

Agora como Filha de Avalon, tendo acesso a um sem-fim de beletristas ofuscadas por um cânone literário bastante obtuso ainda, como o é o nosso – misógino e excludente –, é com assombro e tristeza que constato que a grande maioria – para não dizer quase todas as escritoras nordestinas por nós estudadas até agora em nosso Grupo de Estudos – é completamente ignota para nós do Sudeste. E essa é uma constatação feita durante nossos encontros, através de testemunhos ditos por nossa membresia meridional.

O preconceito contra as mulheres que escrevem e, mais do que isso, sendo essas mulheres nordestinas ou nortistas – pior ainda se forem periféricas, pobres, com pouco estudo e pertencentes a coletivos desprivilegiados – faz com que suas obras não cheguem às estantes, prateleiras e ecrãs de leitoras e leitores. O prejuízo advindo dessa ignorância consabida e reproduzida sem filtro nem escusa é incalculável. Uma das poucas formas de se reparar esse *memoricídio* (termo muito utilizado pela pesquisadora Constância Lima Duarte), é trazendo-as à baila em pesquisas científicas e cristalizando suas trajetórias em trabalhos acadêmicos de diversos formatos, tais como os que nesse dossiê estão.

Portanto, como uma Filha de Avalon compromissada que sou, imbuo-me da missão que temos todas e todos em nosso Grupo de Estudos: disseminar os nomes, os feitos e os legados literários dessas mulheres que a historiografia literária – feita por homens, em sua maioria –, esforçou-se por vilipendiar, silenciar e apagar. No palimpsesto que ampara os nossos estudos coletivos, no que de todas e todos nós depender, asseguro: esse *memoricídio* há de se acabar! Com este afã, neste dossiê, a maioria dos textos aqui apresentados são frutos de nossas criações elaboradas em conjunto, de nossas profícuas colaborações em parceria.

Por mais estudos sobre o estro feminino! Por mais estudos sobre nossas autoras ostracizadas! Por mais estudos sobre as nordestinas que escrevem literariamente e são silenciadas e apagadas à revelia! Que **LANCEMOS LUZ** sobre suas **VIDAS** e suas **OBRAS!**